

## ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DO FÓRUM CATARINENSE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

FRONZA, C. S.<sup>1</sup>; SILVA, A. C.<sup>2</sup>; SCHIOCHET, V.<sup>3</sup>; SOARES, G. C.<sup>4</sup>; KOPSCH,  
G. H. R.<sup>5</sup>

### RESUMO

As redes de movimentos sociais tornam-se importantes espaços promotores de intercâmbios econômicos associativos, colaborativos, autogestionários e socialização de informação e promoção da cidadania. Constatou-se que no contexto da crise do coronavírus, a economia solidária mostrou-se como uma alternativa aos trabalhadores de estabelecer laços de cooperação, cuidado mútuo e solidariedade. Logo, tal artigo pretende refletir sobre as formas de organização coletiva adotadas pelo Fórum Catarinense de Economia Solidária (FCES) de enfrentamento das expressões da questão social. Como procedimentos metodológicos utilizados: pesquisa bibliográfica; documental (análise das atas do FCES de 2020 e 2021) e observação participante. Conclui-se que as ações adotadas pelos FCES oportunizaram a elaboração de estratégias de organização popular, política e econômica e de disputa do fundo público, no enfrentamento às dificuldades presenciadas na pandemia pelos trabalhadores/as Ecosol.

**Palavra-chave:** Economia Solidária; Rede de Movimentos Sociais; Organização popular;

### 1 INTRODUÇÃO

Num contexto de crise do capital, instabilidade econômica e as transformações no mundo do trabalho, difundidas nas décadas 1980 e 1990 e agravadas pela pandemia, muitos trabalhadores necessitam pensar alternativas de

---

<sup>1</sup> Cláudia Sombrio Fronza, docente do curso de Serviço Social (coordenadora), extensionista ITCP/FURB.

<sup>2</sup> Amanda Cadorin da Silva, acadêmica do curso de Serviço Social, bolsista extensionista ITCP/FURB.

<sup>3</sup> Valmor Schiochet, docente do curso de Ciências Sociais, extensionista ITCP/FURB

<sup>4</sup> Geise Soares, assistente social e mestranda pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

<sup>5</sup> Guilherme Henrique Roepke Kopsch, acadêmico do curso de Psicologia, bolsista extensionista ITCP/FURB.

gerar trabalho e renda por meio da Economia Solidária. Por Economia Solidária, Singer (1999, p. 51) entende como o conjunto de experiências coletivas de trabalho, produção, comercialização e crédito organizados por princípios solidários, espalhados por diversas regiões do país e que aparecem sob diversas formas: cooperativas, associações de produtores, empresas autogestionárias, bancos comunitários, clubes de troca, banco do povo e diversas organizações populares urbanas e rurais.

Essas experiências buscam a construção de novas relações sociais principiadas por valores autogestionários, prevendo a organização coletiva dos trabalhadores com autogoverno, exercício democrático de poderes, condições de autonomia e independência, possuindo o controle dos meios de produção e dos processos econômico, técnico, político e social. Essas iniciativas são favorecidas pela troca de conhecimento e experiências, processos de decisões coletivas e das vivências mútuas.

Como parâmetro de referência se espera ver internalizado na compreensão e na prática das experiências associativas: a autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, auto sustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social (GAIGER, 2004, p.11). Neste sentido, objetivando fortalecer o movimento social, político e reflexão crítica das relações sociais construídas na sociedade capitalista, paramentadas na desigualdade e exclusão social, constitui-se às Redes de Economia Solidária.

As Redes, compreendidas por Sheren-Warren e Luchmann (2011), como um espaço que oportuniza a construção de uma identidade coletiva, laços que se estruturam em torno de afinidades/identificações entre os membros e objetivos comuns em torno de uma causa. Na dialética das relações sociais que se busca construir na Economia Solidária, a organização de redes de colaboração solidária locais, regionais e mundial constitui-se em uma viável alternativa pós-capitalista à globalização em curso, promovendo-se o crescimento econômico e a expansão das liberdades públicos e privados, eticamente referenciadas (MANCE, 2002, p.23).

Segundo Mance (2003, p. 220), a noção de rede de colaboração solidária, como categoria analítica, resulta da reflexão sobre práticas de atores sociais contemporâneos, compreendida desde a teoria da complexidade e da filosofia da libertação. E assim, apresentam caráter econômico, político e cultural que se

retroalimentam. No que se refere ao aspecto econômico, trata-se de uma estratégia para conectar os empreendimentos econômicos solidários de produção, comercialização, financiamento, consumidores e outras organizações em um movimento de retroalimentação e crescimento conjunto, autossustentável, antagônico ao capitalismo

Para concretizar a atuação da sociedade civil frente às políticas públicas em Ecosol e a fim de atender as demandas dos empreendimentos, são organizados fóruns em formato de redes de cooperação solidária a nível regional e estadual, em conformidade com a amplitude nacional do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). No território catarinense, destaca-se o debate e ações do Fórum Catarinense de Economia Solidária (FCES), instância político-social estruturada por representantes de empreendimentos (EES), entidades de apoio e fomento (EAF) e gestores públicos. Desta forma, objetiva-se estabelecer o diálogo e a representação dos 11 Fóruns Regionais (FRES) que compõem o estado, articulando posicionamentos e estratégias de ação no campo do trabalho e políticas públicas com o poder público.

Logo, esse artigo se justifica, num contexto de crise do capital e de avanço do projeto neoliberal, desmonte do sistema de proteção social, o aumento do desemprego e da pobreza. Essa situação agravada pela pandemia do COVID-19, impossibilitou vários trabalhadores da Economia Solidária, desenvolverem suas atividades produtivas, por constituir-se em um modelo que privilegia interações - face a face- ou seja, é uma economia feita de pessoas para as pessoas, depende do encontro delas para produzir, trocar e consumir.

## **2 METODOLOGIA**

Para realização da investigação de natureza qualitativa e a elaboração do artigo utilizou-se de pesquisa teórica, documental e observação participante. A partir do levantamento de dados secundários, identificou-se que ao longo de 2020 a 2021, foram realizadas 09 reuniões do FCES (das quais 02 priorizaram formações), registradas entre 13 e 14 de fevereiro de 2020 e 26 de novembro de 2021. Para promover o diálogo no período da pandemia foram organizadas reuniões através de serviço de comunicação por vídeo pelas plataformas Google Meet, e-mails e conversas online pelo aplicativo WhatsApp.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao longo dos anos de 2020 e 2021, o FCES contando com a assessoria da ITCP/FURB no seu processo de organização, gestão e representação política, apresenta com principais estratégias:

- Reuniões do FCES, socializações de informações entre os Fóruns Regionais (FRES), para criação de estratégias e construção de posicionamentos políticos;
- Realização de pesquisa e visitas in loco ao FRES, para reconhecimento da realidade, identificação de demandas e possíveis encaminhamentos. Ação desenvolvida com recursos de Emenda Parlamentar – destinada a esse propósito;
- Apresentação do Projeto de Lei 0060.2/2020, à Assembleia Legislativa, que propõem a destinação de renda mínima emergencial de cinquenta por cento do salário-mínimo regional aos EES. Proposição discutida e não aprovada pelo governo estadual.;
- Diálogos com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico Sustentável do Estado para regularização da Lei Estadual de Economia Solidária para previsão e aprovação de recursos plurianual (PPA). Proposição aprovada no CEAES;
- Debate dos editais de eleição e definição dos representantes do Fórum Catarinense e do Conselho Estadual de Artesanato e Economia Solidária (CEAES), Conselho Municipal de Cultura, entre outros. Representantes das EES e de entidades de apoio.
- Aprovação da Lei Orçamentária Anual e a Política Estadual da Economia Solidária (decreto 1.332/2021), acesso às políticas públicas, fomento ao empreendedorismo, o crédito para geração de trabalho, emprego e renda, o microcrédito orientado e o assessoramento técnico. Lançamento de editais em 2022 e o orçamento está em execução;
- Diálogo com os movimentos sociais (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e Movimento de Mulheres Camponesas - MMC);
- Formação sobre controle social e linha de crédito para Ecosol. Executado pela coordenação do FCES;

Outras importantes estratégias adotadas pelo FCES em decorrência da pandemia foram: mudanças da realização das reuniões presenciais para remotas; retomada das ações de educação de base, formações e rodas de conversas com

os movimentos sociais. Os diversos meios de socialização, permitiram sistematizar do ponto de vista teórico e analítico as práticas vivenciadas no FCES.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O FCES, na pandemia, assegurou importantes conquistas e aprendizados, apesar das fragilidades técnicas, o processo participativo e democrático, permitiu uma aproximação com outros FRES, ao qual reconheceu-se a importância de fortalecimento dos vínculos, uma vez que as regionais se encontram com dificuldades de articulação e organização. As mudanças estratégicas redesenham novos projetos para velhos problemas, o enfrentamento as desigualdades foram pensadas pelos próprios trabalhadores na disputa dos recursos disponíveis no fundo público e para viabilizar as práticas de comercialização, produção e consumo.

#### **REFERÊNCIAS**

FRONZA, Claudia Sombrio. 507/2021 **Ser e conviver na Rede de Economia Solidária no Vale do Itajaí: em tempos de pandemia**. Disponível em: [https://www.furb.br/pqex/projeto/buscaProjeto.view?nrAnoProjeto=2021 & nrProjeto=507](https://www.furb.br/pqex/projeto/buscaProjeto.view?nrAnoProjeto=2021&nrProjeto=507). Acesso em 27. maio. 2022.

GAIGER, Luiz I. **A economia solidária diante do modo de produção capitalista**. Disponível em <[www.ecosol.com.br](http://www.ecosol.com.br)>. Acesso em: 30 de maio de 2002.

MANCE, Euclides A. **Redes de Colaboração Solidária: aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Redes de Colaboração Solidária. in: CATTANI, Antonio David (org). **A outra economia**, Porto Alegre, Veras Editores, 2003.

SCHERER-WARREN, Ilse; LUCHMANN, Lígia Helena Hahn. **Movimentos sociais e participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2011. 264 p.

SINGER, P. I. **O Brasil na crise: perigos e oportunidades**. São Paulo: Contexto, 1999. 128p .